

O almirante Américo Thomaz com o eng. Santos e Castro e os membros do Governo junto do monumento de Lisboa a Gago Coutinho e Sacadura Cabral, momentos antes simbolicamente descerrado

LISBOA TEM DESDE ONTEM O MONUMENTO A COUTINHO E SACADURA QUE O CHEFE DO ESTADO INAUGUROU

● USARAM DA PALAVRA NA CERIMÓNIA O PRESIDENTE DA CÂMARA E MAURÍCIO DE OLIVEIRA

TENDO SIDO LIDA UMA MENSAGEM DO MINISTRO DA AERONAUTICA DO BRASIL

Entre pinheiros e pedras centenárias — entre a Torre de Belém e os Jerónimos — numa clareira de arvoredo frondoso que envolve aquela zona ribeirinha, surgiu ontem o monumento — de linhas modernas e concepção arrojada — que o Município de Lisboa mandou erguer em louvor da façanha de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Foi no dia em que se completaram cinquenta anos sobre a chegada de ambos ao Rio de Janeiro.

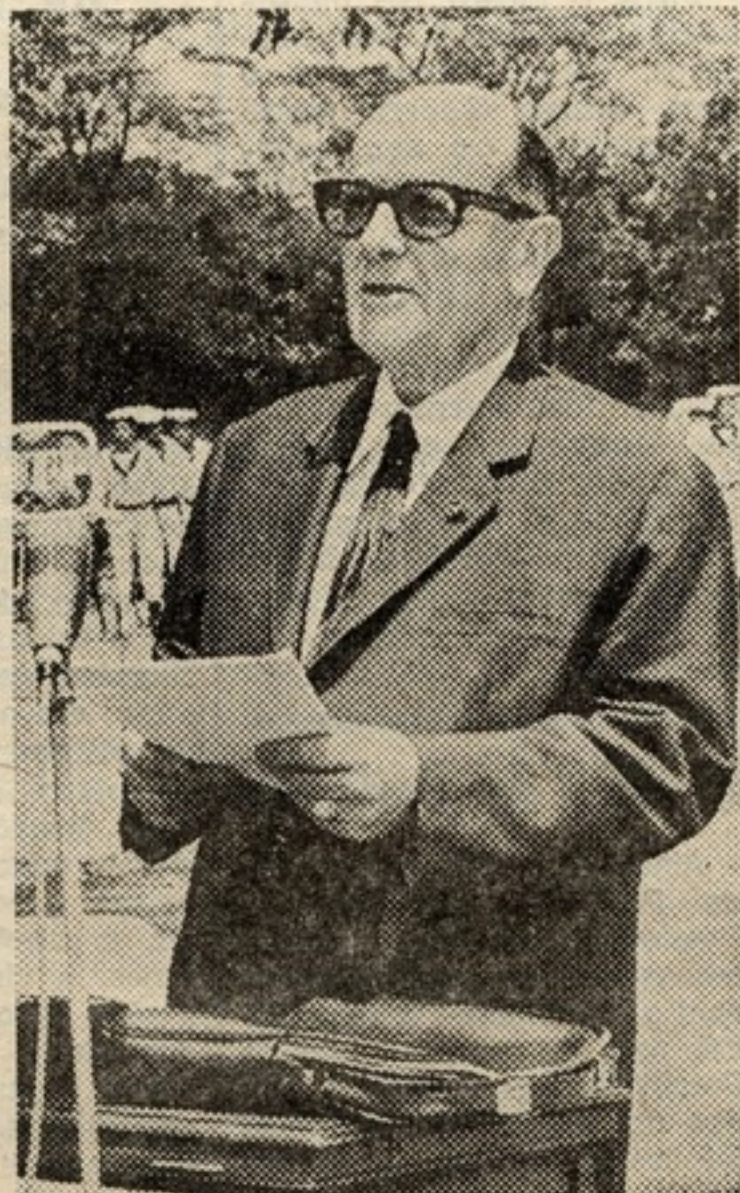
O Chefe do Estado presidiu ao acto solene da inauguração, acompanhado por quatro membros do Governo; representantes diplomáticos, administrativos e militares do Brasil; mais de trinta generais, almirantes, brigadeiros e comandos

portugueses; muitas outras personalidades das classes civil e militar; antigos aviadores, e muitos outros convidados, entre os quais grande número de senhoras.

Três oradores: o eng. Santos e Castro, presidente do Município; o general da Força Aérea Brasileira, Faber Cintra; e o director do «Jornal do Comércio», Maurício de Oliveira, convidado expressamente para o efeito pela C. M. L.

Ouviram-se os acordes da «Portuguesa», executados pela banda da Armada, quando o almirante Américo Thomaz descerrou a base do monumento.

Marinheiros (fuzileiros) e soldados do Ar (para-quedistas) apresentaram armas e desfilaram em continência.



O eng. Santos e Castro e Maurício de Oliveira no uso da palavra

A chegada do Presidente da República

Eram 12 e 30, quando o almirante Américo Thomaz chegou ao largo fronteiro à Torre de Belém, onde era aguardado pelo presidente do Município, eng. Santos e Castro. Depois de lhe ter sido prestada continência por um batalhão misto de duas companhias, uma de Fuzileiros Navais e outra de Caçadores Para-quedistas, com banda e fan-

(Continua na 5.ª pág.)

**O PROBLEMA DO PETRÓLEO:
CONSEQUÊNCIAS DA CRISE
DESENCADEADA PELO IRAQUE**

(Ler na página 9)

APÓS OITO ANOS DE

Eisaku Sato vai do cargo de primeiro

TÓQUIO, 17 (ANI) — Demitiu-se hoje o primeiro-ministro do Japão, Eisaku Sato. Espera-se que a sua demissão provoque luta no Partido Conservador, entre as facções que apoiam os quatro candidatos ao lugar de Sato.

cutivos. Sato ultrapassou aquele tempo em 5 de Janeiro de 1971.

Dois candidatos

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Takeo Fukuda,

Círculos do L.D.P. declararam que vai realizar-se em Tóquio, a 5 de Julho, uma convenção do Partido destinada a eleger o novo presidente do Partido, que por tradição se torna primeiro-ministro.

Okinawa: sonho materializado

Durante o tempo «record» em que ocupou o poder, Sato viu materializar-se um dos seus grandes sonhos: a devolução de Okinawa ao Japão pelos Estados Unidos.

Contudo, não conseguiu realizar dois outros sonhos: melhorar as relações com a República da China — que declarou não estabelecer relações diplomáticas com o Japão enquanto Sato fosse primeiro-ministro — e a devolução pela Rússia de quatro ilhas do Norte do país.

O anterior máximo de conservação do cargo de primeiro-ministro foi estabelecido pelo falecido Xigero Yoxida, com seis anos e dois meses conse-

O PROF. MAR... PRESIDE HOJE... AO ENCERRAM... DA A. N. P. DO DIST...

SETÚBAL, 17 — Na sessão da A. N. P. prosseguiram hoje à tarde os trabalhos do III Plenário das comissões locais do distrito de Setúbal. As sessões de trabalho preencheram durante todo o dia a actividade da comissão distrital e os presidentes das comissões concelhias, para elaboração dos documentos básicos que amanhã serão debatidos no Plenário das comissões a todos os níveis.

Entretanto, em Almal...

Os portos ingleses poderão reabrir amanhã

LONDRES, 17 — (R.) — Dirigentes dos estivadores de toda a Grã-Bretanha conferenciam, hoje, no meio de indícios de que poderiam cancelar uma desastrosa greve não-oficial, que fechou ontem a maior parte dos grandes portos do país.

A causa principal da acção prevista foi eliminada ontem, quando o Tribunal de Apela-

ção anulou uma ordem do Tribunal das Relações Industriais, criado recentemente para a prisão de três estiva-

dores militantes. A intervenção de surp do Tribunal de Apelação recebeu ter melhorado a situação,

O «Economist» prevê nova desvalorização da libra esterlina

LONDRES, 17 — (ANI) — O semanário «Economist» prevê que a actual inflação na Inglaterra levará a nova desvalorização da libra esterlina e a «contrôles» dos preços e salários.

O semanário acrescenta que, estando o comércio externo inglês a caminhar para um «deficit», o Governo deve apressar-se a desvalorizar a moeda. Contudo — afirma — ainda não estão a ser feitos preparativos para tal.

rebites

SORVA

Soc. de Representação

Rua Artilharia Um

Tels.: 65 25 5

Rua Santos P

T

A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO À TRAVESSIA DO ATLÂNTICO SUL

(Continuação da 1.ª página)

farra da Armada, sob as ordens do comandante Pessoa Lopes, o Chefe do Estado dirigiu-se para a tribuna de honra, onde presidiu à cerimónia, ladeado pelos ministros da Marinha, almirante Pereira Crespo, e das Obras Públicas, eng.º Rui Sanches; secretários de Estado da Aeronáutica, brigadeiro Pereira do Nascimento, e das Comunicações e Transportes, eng.º Oli-

veira Martins; ministro conselheiro da Embaixada do Brasil e presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Presentes, ainda, na cerimónia, entre outras individualidades, o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta; os almirantes Robredo e Silveira, Ornelas Vasconcelos, António Bagulho, Ferrer Caeiro, Sequeira Araújo, Ferreira de Almeida, Lopes Alves, Sarmiento Rodrigues e Alberto Alves Lopes; generais do Exército Louro de Sousa, Moura dos Santos, Câmara Pina e Adriano Pires; generais da Força Aérea Tello Polleri, Armando Mera, Norton Brandão e o brigadeiro Brás Oliveira; drs. Agro Ferreira, administrador da empresa do «Jornal do Comércio»; Mário Neves, vice-presidente da F. I. L.; Clemente Rogeiro, presidente da Emissora Nacional; Ramiro Valadão, presidente do conselho de administração da R. T. P.; João Patrício, director dos Serviços de Informação da Emissora Nacional; Manuel da Silva Costa, chefe da Redacção do nosso jornal; e os autores do projecto do monumento evocativo do histórico voo, escultor Laranjeiro Santos e arquitecto Rodrigues Fernandes.

Além de antigos aviadores civis e militares e do mecânico francês Roger Soubiran, que apoiou, tecnicamente, o empreendimento de Sacadura e Coutinho, esteve, ainda, presente uma delegação das Forças Armadas do Brasil, composta pelo almirante Soares Júnior e general Faber Cintra.

do respeito e da estima que ela dedica à pessoa de Vossa Excelência. Porque, na função, a represento, convido V. Exa. Sr. Presidente, a retirar da memória que se ergueu a bandeira nacional que simbolicamente a encobre.» Com as tropas em continência e ao som de marchas militares, o sr. Presidente da República descerrou, em seguida, a base do monumento.

Mensagem do ministro da Aeronáutica do Brasil

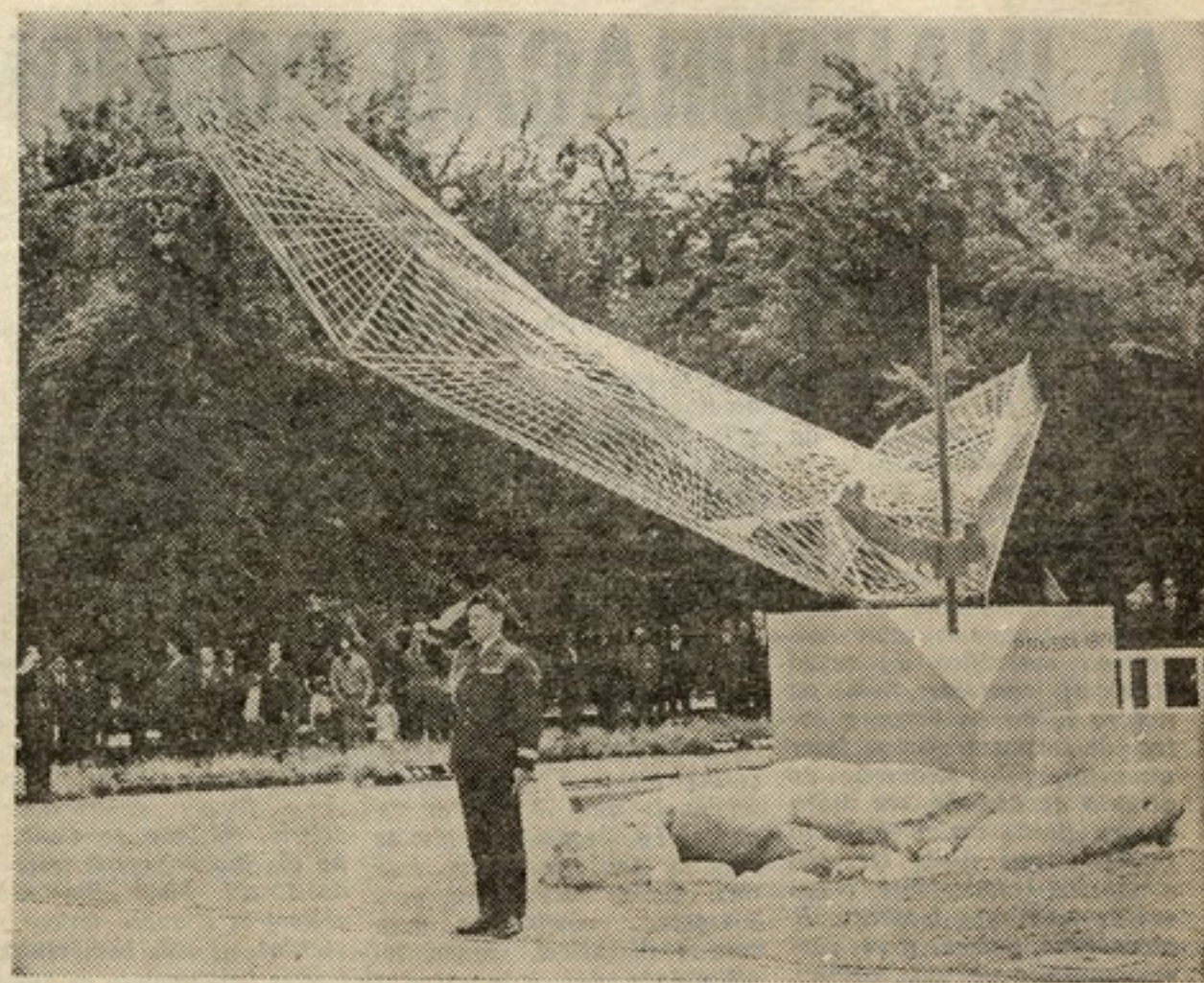
Foi lida, depois, pelo general Faber Cintra, da Força Aérea do Brasil, uma mensa-

gem do ministro brasileiro da Aeronáutica, Joelmir Campos de Araripe Macedo, em que salienta o feito dos dois aviadores portugueses, dizendo, em determinada altura:

«O retrato fiel de uma Nação trás em si as cores do passado, o brilho do presente e os lampejos do futuro. Por sentir, em cada coração brasileiro, o orgulho pelas cores vivas de um passado comum, pelo brilhantismo presente no relacionamento luso-brasileiro e pela certeza da eterna aliança, é que ergo a minha voz do Novo Mundo para, em nome da Força Aérea do Brasil, saudar o povo português, quando das comemorações do cinquentário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul.»



O general Faber Cintra lendo a mensagem do ministro da Aeronáutica do Brasil



Perspectiva do monumento à 1.ª travessia aérea do Atlântico Sul ontem inaugurado em Belém

Maurício de Oliveira evocou o entusiasmo com o qual Lisboa viveu a histórica viagem e traçou os perfis de Coutinho e Sacadura

Depois de saudar o Chefe do Estado, membros do Governo e outras personalidades presentes, Maurício de Oliveira começou por dizer:

«Entendeu V. Ex.ª, sr. presidente da Câmara, honrar-me sobremaneira convidando-me, com a desvanecedora concordância do sr. ministro da Marinha, a proferir hoje algumas palavras neste acto soleníssimo. Tenho de lhe agradecer a distinção que desejou conferir-me, e tenho igualmente de lhe agradecer, muito cativado, as palavras que me dedicou e com as quais tão benévola e desejou associar o meu nome à consecução deste monumento. Numa obra tão meritória que fica a dever-se apenas a V. Ex.ª não cabem, porém, pretensos méritos de outros.»

Anteriormente a mim, ao longo dos tempos, quantos e quantos portugueses — militares e civis, o último dos quais havia sido, pouco antes, o incansável propagandista da nossa aviação e meu velho amigo Mário Costa Pinto — tinham agitado, em artigos ou em conferências, a bandeira dessa triste lacuna que perdurava sem que jamais fosse anulada? Foram dezenas de portugueses que se bateram por este monumento. Tentar referir os seus nomes seria incorrer no risco de qualquer lamentável omissão.»

A última sugestão

E prosseguiu:

«Efectivamente, quando há dois anos, eu exercia a direcção do jornal «A Capital», lembrei nas suas páginas, precisamente no dia 24 de Junho desse ano, que Lisboa continuava, quase voltado meio século, com uma dívida em aberto para com dois grandes de Portugal; essa dívida era este monumento. Logo a 2 de Julho desse mesmo ano de 1970, apenas nove dias depois das minhas palavras naquele jornal, V. Ex.ª assumia espontaneamente o compromisso — e autorizava-me a torná-lo público — de oferecer hoje, à cidade de Lisboa este monumento. Mais uma vez, sr. presidente da Câmara, a sua palavra se cumpriu para com os seus municípios.»

Não tive, por isso, na minha insistência, qualquer mérito; tive sim, a sorte de se encontrar, nessa ocasião, à frente da Câmara, o sr. eng.º Fernando Santos e Castro. Tive essa sorte — mas teve-a e continua a tê-la também esta nossa Lisboa, não só nesse aspecto, como em muitos outros — e bem relevantes — na hora de intensa e vibrante moderniza-

ção que a capital portuguesa está a viver, graças à larga visão e ao insuperável dinamismo do presidente da sua edilidade.»

O entusiasmo de há meio século

E o nosso director continuou:

«Senhor Presidente da República:

Dentro de poucas horas completam-se precisamente cinquenta anos sobre o momento culminante da façanha sem par que este monumento consagra. Lisboa, esquecida da política, viera para a rua à espera da grande notícia. Diante dos «placards» do Rosário, a multidão estacionava, nervosa, impaciente, quase em silêncio, esperando sempre. E no meio da mole imensa dos que esperavam — quantos rezavam também... Nós os liceais e os universitários de então (nesse tempo, o culto das glórias pátrias parecia encher mais exuberante e sinceramente o pensamento dos jovens e inundar-lhes com mais claridade as almas de alegria e de orgulho) lá estávamos, também, misturados naquele ondear constante do mar humano, irmanados pelo mesmo sentimento de euforia patriótica com a qual Coutinho e Sacadura haviam conseguido igualmente outro grande triunfo: promover o reencontro fraterno de todos os portugueses animados por estes ou por aqueles ideais políticos, confortado por estes ou por aqueles credos religiosos, lançá-los generosamente nos braços uns dos outros e reacender-lhes nos espíritos conturbados a ideia magnífica e a certeza absoluta da perenidade da Pátria.»

Testemunho da chegada a Lisboa

Maurício de Oliveira historiou então:

«Depois, passados quatro meses de estrondosa consagração por terras portentosas do Brasil, foi a chegada apoteótica dos aviadores a Lisboa: 26 de Outubro de 1922. Abatiera-se nesse dia sobre a cidade um autêntico dilúvio. Chovia torrencialmente — e choveu assim durante horas. Mas Lisboa veio para a rua outra vez — sem que ninguém lho pedisse, sem que alguém a chamasse ou a fosse buscar a casa.»

Como escreveria mais tarde, aliás, o piloto-aviador e cronista das nossas façanhas do ar, coronel Edgar Cardoso, «viveram-se em Portugal e no Brasil, entre gentes de todos os matizes, horas altas de emoção, de ansiedade e de calor humano, nesses minutos em que o sonho lúcido se transformou em facto inapagável.»

Nessa tarde, do Terreiro do Paço (onde os heróis desembarcaram e logo receberam, das mãos do Presidente António José de Almeida, a banda roxa e o colar Sant'Iago) até à Rotunda, a multidão era compacta, a tal ponto que não podiam circular, nem mesmo nas faixas laterais da Avenida da Liberdade, quaisquer veículos! Era difícil, ainda que fosse a pé, abrir caminho.

E lá fomos todos outra vez, os liceais e os universitários, no meio do povo autêntico, encharcados até aos ossos, mas radiantes, participando na mais espontânea e apoteótica recepção que esta Lisboa alguma vez terá dedicado a alguém ao longo do seu historial.

ram cinquenta anos — quando a grande notícia chegou, pode dizer-se que Portugal inteiro despertou, finalmente, num êxtase alucinante, indescritível. Nessa tarde, dir-se-ia que Lisboa e o Rio de Janeiro não estavam separadas por quatro mil e duzentas milhas marítimas, mas que viviam e choravam de alegria, lado a lado abraçadas à Cruz de Cristo — que era, outra vez, símbolo de indissolúvel e comovente fraternidade de dois povos, em cujas veias circulava nervosamente o mesmo sangue que fizera grande Portugal e lançara o Brasil nos caminhos deslumbrantes e imarcescíveis do esplendor, da prosperidade e da glória.

Nessas horas, Portugal dizia em uníssono aos seus heróis as palavras do divino Junqueiro: «A Pátria exalta-vos e Deus abençoa-vos!»

Gago Coutinho — figura de Lisboa

O orador continuou assim:

«O Destino dissera que ele seria, na verdade, além de herói nacional, uma figura de Lisboa — uma daquelas figuras que se tornam parte integrante da urbe, uma silhueta que não se conjuga, um perfil que o povo conhece, um rosto que a multidão apressada fixa e estima e admira com ternura. É claro que, se a glória tivesse bafejado Gago Coutinho nos fins do século passado, ele não deixaria de ser uma figura lisboeta, mas nunca teria sido, isso não, uma figura elegante do Paseio Público ou do Chiado. O herói, desprendido de preocupações de vestuário, não via nem apreciava os largos e preconcebidos contactos sociais. Faltavam-lhe, para isso, jeito, predisposição, paciência, maneira de ser, e faltava-lhe também uma encadernação de indumentária que a elegância dos locais ou o snobismo da época largamente exigiam: em lugar de uns sapatos de modelo discretamente importado, calçava as suas cómodas e sempre preferidas botas de elástico, o fraque, o jaquetão

ou a calça de fantasia de bom corte, substituiu-os sempre por andainhas vulgares, as quais, todavia, durante muitos anos, não dispensaram o arcaico colarinho engomado de pontas voltadas; o chapéu de coco, nessa época tão em voga, substituiu-o por uma popular boina basca que se tornou em traço inseparável da sua figura, desde as ruas das platéias dos teatros de Lisboa e do Rio de Janeiro.

Gago Coutinho poderia responder, de resto, como respondeu uma vez Almada Negreiros a Luiz de Oliveira Guimarães quando este perguntou ao genial artista se a boina que ele usava havia sido oferecida ou comprada: — Não, nem me deram nem a comprei... Esta boina enasceu-me...»

Testemunho da chegada a Lisboa

Maurício de Oliveira historiou então:

«Depois, passados quatro meses de estrondosa consagração por terras portentosas do Brasil, foi a chegada apoteótica dos aviadores a Lisboa: 26 de Outubro de 1922. Abatiera-se nesse dia sobre a cidade um autêntico dilúvio. Chovia torrencialmente — e choveu assim durante horas. Mas Lisboa veio para a rua outra vez — sem que ninguém lho pedisse, sem que alguém a chamasse ou a fosse buscar a casa.»

Como escreveria mais tarde, aliás, o piloto-aviador e cronista das nossas façanhas do ar, coronel Edgar Cardoso, «viveram-se em Portugal e no Brasil, entre gentes de todos os matizes, horas altas de emoção, de ansiedade e de calor humano, nesses minutos em que o sonho lúcido se transformou em facto inapagável.»

PALAVRAS DO ENG. SANTOS E CASTRO

Referindo-se ao significado da cerimónia, usou da palavra, em primeiro lugar, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro, que salientou o significado da cerimónia, afirmando: «Muito pouco tem a Câmara que dizer no momento em

que integra no património das gratas recordações da cidade o monumento que assinala meio século sobre o feito dos que, pela primeira vez, cruzaram pelo ar o Atlântico Sul e, sobretudo, antes de quaisquer outros, o fizeram com rigoroso método científico de sua criação. A interpretação que do facto fizeram os artistas autores e que se ergue diante de nós, a dois passos do local onde o «Lusitânia» partiu rumo ao Brasil, é como acto municipal de reconhecimento e homenagem suficientemente expressivo para que sejam necessárias agora quaisquer palavras do presidente da Câmara.

«Há dois anos, antes até do movimento que gerou as Comemorações Nacionais do valoroso e valioso feito, Maurício de Oliveira, jornalista insigne que todos admiramos, lançou nas colunas do jornal que então dirigia um apelo à Câmara Municipal de Lisboa para que se levantasse um monumento comemorativo do cinquentário que se aproximava. Na imediata sessão pública da Câmara, deliberou esta corresponder a esse apelo. Por isso, aqui está o monumento que se mandou executar; por isso Maurício de Oliveira — quase diria, por direito próprio — é neste acto solene o orador da cidade, para salientar o mérito do feito e as figuras inesquecíveis de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

«Recolhe-se e apaga-se pois, a Câmara Municipal, na atitude simples de quem apenas cumpriu o seu dever para com alto gesto que em Lisboa teve origem e para com a sagrada memória dos seus autores. Tudo deve ser apenas a voz da cidade e as altas presenças tenho de entendê-las como dirigidas exclusivamente ao que se comemora e assinala.

«Senhor Presidente da República: Dignou-se V. Exa. perante o mérito do que se celebra, corresponder ao convite da Câmara vindo presidir a este acto. Muito reconhecida fica a cidade por isso e em seu nome peço que aceite o testemunho permanente

Viagem ao Brasil de um «Jumbo» da TAP integrada no cinquentário do primeiro voo Lisboa-Rio

Deslocou-se ontem ao Brasil, tendo regressado à noite, um «Jumbo-Jet» da TAP.

Numa viagem integrada nos actos comemorativos do 50.º aniversário da 1.ª Travessia Aérea do Atlântico Sul, o novo jacto levou para o Brasil algumas das mais destacadas figuras da Comissão Nacional do Cinquentário e outras individualidades, entre as quais o embaixador do Brasil em Portugal, coronel Carlos Beja, dr. Norberto Lopes, general Correia Nera, dr. Caetano de Carvalho, brigadeiro José Sacadura da Câmara, tenente-coronel Sacadura Falcão, coronel Pinheiro Correia, almirante Quintanilha de Mendonça Dias, dr. Felner da Costa e major Humberto Cruz.

O «Jumbo-Jet» seguiu em substituição do «Boeing 707» que, normalmente, faz a carreira de ligação Portugal-Brasil. Foi a primeira vez que um «Boeing 747», português, realizou um voo ao Brasil.

A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A COUTINHO E SACADURA

(Continuação da pág. anterior)

tragicamente o seu companheiro estremeceu da epopeia do Atlântico Sul, de quem se tornara amigo fraterno e admirador fervoroso («Sacadura foi — dizia ele sempre — o comandante da nossa expedição, o chefe a bordo, o nervo da travessia, o Cétero do avião») consagrando-se-lhe ao tipo de vida que lhe agradava: o estudo aturado das navegações dos portugueses e escrever sobre esse período magnífico da nossa História; aparecer num ou noutro leilão de livros e entrar de surpresa, sem se fazer anunciar, pela Redação do «Diário de Lisboa», em visita ao seu dilecto amigo Norberto Lopes — que podia ter sido e não foi, infelizmente, o seu mais brilhante biógrafo. E, além disso, passear a pé, passear muito a pé, mas sozinho, pelas ruas de Lisboa, evitando que o cumprimentassem e detestando que o tratassem por admirante... «Não sou admirante — disse-me ele algumas vezes — nunca comandi esquadras. O que sempre fui e sou é geógrafo. É esse o único título que desejo na laje da minha campa». E assim foi, porque a sua vontade tinha de se cumprir. Foi assim, como geógrafo, envergando camisola e calções de kaki, como usava pelo interior das Áfricas a delimitar fronteiras, que o seu corpo franzino baixou à terra. Poderá dizer-se que ele foi sempre igual a si próprio — na vida e na morte.

Tinha, de facto, a paixão de andar a pé e, a tal ponto, que ninguém se lembra de o ter visto entrar para um táxi e poucos o ter visto subir para um eléctrico...

O romantismo lisboeta na vida de Gago Coutinho

E Maurício de Oliveira prosseguiu:

«Mas a história e a voz do povo é que nunca deixaram dissociar o geógrafo que não queria ser admirante, do marinheiro e do cientista, do navegador estudioso, do jovem segundo-tenente que servia no Ultramar, a bordo das belas corvetas e das aéreas canhoneiras de vela, que enegrecia a pele e formou o carácter nos confinés de Timor, do Niassa e de Tete; que efectuou oitocentos quilómetros de rigorosa triangulação geodésica de Moçambique, tantas vezes, já então, acompanhado por Sacadura Cabral; do homem rijo de corpo e alma, que atravessou a África a pé; que por essas terras inóspitas demarcou dois mil quilómetros de fronteiras...»

Não julgá-lo, porém, aquele que não tiveram o privilégio de o conhecer ou de com ele conviver, que esse feito, de certo modo solitário, fizera dele um triste misantrópico. Não. Gago Coutinho gostava até de conversar com as pessoas pelas quais nutria estima, mas sempre numa roda restrita e discreta. Escrevia com frequência aos

I Colóquio Nacional sobre aviação desportiva e de turismo

Começa amanhã e prolongar-se-á até 24 o Primeiro Colóquio Nacional sobre aviação desportiva e de turismo, empreendimento levado a efeito pela Direcção-Geral da Aeronáutica Civil nas suas instalações do Aeroporto de Lisboa e que constitui a primeira manifestação das comemorações do seu 25.º aniversário.

Na sessão inaugural, a que preside o ministro das Comunicações, eng. Rui Sanches, e a que assistirão também o dr. Oliveira Martins, secretário de Estado das Comunicações e Transportes, o discurso de abertura será pronunciado pelo eng. Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil.

amigos, era dotado de um sentido de bom humor muito natural, sem afectações, que tocava por vezes, com acenada incidência, as fronteiras de um aguçado e até impiedoso espírito crítico. Guardo nos meus mais gratos papéis algumas cartas suas que bem o demonstram e que penso ser ainda cedo para tornar públicas.

Os encantos da vida pelo Ultramar linguçoso ou o fascínio dos grandes caminhos oceânicos, acabariam por culminar — e trazê-lo então à superfície da popularidade — com o salto audacioso e científico de Lisboa ao Rio. A façanha tornou-se numa figura nacional, num homem de ciência, erguendo-o até às cúpulas das Academias, mas não apagou nele a sua personalidade marinheira nem tornou discutiível, sequer, a legitimidade das três estrelas nas suas mangas, as quais não se conquistam apenas a comandar esquadras — tantas vezes inexistentes — mas se merecem a prestigiar a Pátria.

Esse alfacinha de gema, simpático no vestir e discreto no viver, foi efectivamente um grande admirante desta Pátria de marinheiros, porque se é sempre da Pátria quando se é intrinsecamente do povo. «Olha o nosso admirante...» — diziam os lisboetas a meia-voz quando o viam passar, nos bairros típicos ou pelo Rossio, a escarpulir-se dos sorrisos de ternura que o visavam ou das cabeças humildes que se descobriam à sua passagem. Ele era, mesmo que o não quisésse, o admirante eleito dos seus concidadãos. Se um decreto, aliás justíssimo, não o tivesse promovido a esse posto seria feito almirante pelo consenso unânime do povo português.

Quando ele passava, envolto num mundo de evocações da nossa gesta do mar, dir-se-ia que ficava na atmosfera um rasto de saudável sabor a marinha, por sobre um horizonte empalhado de uma tarde sozinha; que ficava na atmosfera um eco romântico da Madragoa cantante — que ele habitou e amou entranhadamente — a Madragoa ribeirinha, das varinas e dos marujos, das castanhas assadas e dos ardins, dos pregões e dos cauteleiros... Quando ele passava no seu andar leve e bamboleante, desprendido, de mãos nos bolsos daquela sua projecta gabardina — que tanto podia ser ainda uma fiel companheira das noites frias das serras africanas como um dos salvados do «Lusitânia» no drama dos Penedos — dir-se-ia que tanto podíamos ouvir ao longe uma estrófe arrebatadora dos «Lusitânios» como uma quadra deliciosa de Silva Tavares, encarpitada num cravo de papel, em noite de Santo António, no bairro da Madragoa. Como a sua passagem, toda a resumir carácter português, podia recordá-los uma daquelas sereníssimas marinhas de João Vaz ou as pinceladas fortes das telas imperceptíveis de um Columbano, de um Roque Gameiro ou de um Falcão Trigo.

Para o povo — que é quem julga — Gago Coutinho substanciava tudo que é História, tudo que é Pátria: epopeias e angústias, glórias e vicissitudes, grandezas e humilidades. Só se é figura nacional, só se está na alma de um povo, quando se é assim — como ele era.

Por isso mesmo ele foi um admirante do povo e foi-o porque tendeu a alcançar as culminâncias da glória, nunca deixou de ser um homem do povo — o povo donde ele veio e entre o qual sempre se sentia bem.

De Gago Coutinho, como figura cidadina, se pode dizer que desmentiu a tese de Júlio Dantas, segundo a qual a popularidade é como os espedidos óncavos, que deformam as figuras que neles se reflectem. Pois a popularidade não o deformou a ele próprio, porque não alterou a sua maneira de ser; nem o deformou perante o povo, o qual sabe sempre, em geral e com peculiar sentido, distinguir, porfeitamente, o trigo do joio.

Sacadura Cabral — nervos de aço

Analisando então a figura de Sacadura Cabral, o director do «Jornal do Comércio» afirmou:

«E Sacadura Cabral, essa vontade de ferro, esses nervos de aço — que só cedem quando a Morte o arrancou aos comandos de um Fokker e o sepultou tão prematuramente, no campo santo dos marinheiros — que é o mar? Sacadura, tendo sido como Coutinho, uma figura nacional, não chegou a ser, porém, uma figura de Lisboa. O povo viu-o fixou-o, aclamou-o em delírio, ao lado de Coutinho, no dia inolvidável do regresso do Brasil. Fixou-o, nessas primeiras e quase únicos momentos, os seus bem vincados traços fisionómicos — em que havia a marca, que não enganava, de uma personalidade forte e de um querer indomável — mas pouco depois, nunca mais o teria junto de si. Logo dois anos após a epopeia, o Mar do Norte fechava-se sobre ele silenciosamente e sobre a sua figura varonil. Morreu a voar, como ele talvez desejasse — em toda a indiferença fria que sempre teve pela vida. Ficou a sua lembrança, porém, e nostálgica, ficou a imagem do cavaleiro andante dos espaços infinitos, ficou a miragem aliciante da sua sonhada volta ao Mundo ficou a saudade dos portugueses — e com ela, ficou também o nosso orgulho — por ele ter sido um de nós...»

Mas a sua figura física, o seu porte senhoril — que não tendo nada de arrogante, também não tinha nada de humilde — a sua silhueta, o seu boné levemente descaído sobre a esquerda — tudo isso se perdeu muito cedo da retina dos lisboetas. Foi uma figura nacional, mas, porque o Destino não quis, não chegou a ser uma figura de Lisboa.

Talvez precisamente porque cedo o perdemos de vista, também a maioria dos portugueses ficou a desconhecer aspectos concretos e difinitivos da sua inconfundível personalidade. Os portugueses ignoram, muitos ignoram ainda, que ele era algo mais do que um grande piloto que sabia pilotar, porque era também um cérebro que sabia pensar e penetrar os domínios da ciência. Ele manejava a aparelhagem da navegação científica, familiarizado com o cálculo matemático, com a mesma certeza com que pegava nos comandos de uma aeronave. Cruzava o espaço como aprendiz na Escola Naval a cruzar os mares. Era um aviador completo. Ainda é tempo de mostrar aos portugueses esta páida e talvez descaída radiografia espiritual de Sacadura e é sempre tempo de dizer como disse ele o marinheiro e escritor que é José Rodrigues dos Santos: «Era igual nas horas de crise e na atmosfera delirante dos triunfos, ocultando sob a aparência da máscara impassível e fria a alma luminosa de um estóico.»

Sacadura e Coutinho deviam ser, efectivamente, da tempera dos homens de quilnhentos — sublinha Maurício de Oliveira.

A hora da Justiça sou o orador acrescentou:

«Mas, a partir de hoje, a cidade consagra aos dois, unidos no simbolismo deste monumento, irmanados na glória que um e outro igualmente alcançaram. Haverá quem diga que este monumento em Lisboa — quase no local onde eles, afinal, partiram — surge com lamentável atraso no tempo e na História. Talvez. Mas a verdade é que só uma vereação, prestidada por um homem de invulgar espírito de acção — se dedicou a apagar aquilo que já ouvi chamar «uma injuria nacional»; e essa vereação foi a actual. A dívida, se existia para com a memória de dois portugueses eminentes, existia talvez mais ainda para com o próprio culto da

Pátria. A dívida era nossa, mas também era para com nós próprios para com a nossa própria consciência. Na verdade, esta consagração, enquanto não se promove, constitui uma lacuna nos sentimentos de gratidão que devem ornar o carácter dos povos; representava, mais especificamente para os lisboetas, uma lamentável atitude de amargo olvido.

Bem haja, pois, o sr. engenheiro Santos e Castro a quem, exclusivamente, se ficou a dever a realidade deste monumento e o espírito de homenagem e de justiça que ele envolve.

A memória dos dois grandes portugueses que ele consagra, essa nada lhe deve em agradecimentos, porque a justiça não se agradece — as injustiças é que se verberam e se condenam. Mas a Câmara Municipal de Lisboa merece, sim, os agradecimentos da Marinha de Guerra, os agradecimentos de todos os aviadores portugueses, enfim, de todos nós, que nesta cidade labutamos e que nela temos vivido as horas gratas e ingratas da vida de todos os dias — de todos, enfim, que acreditamos na eternidade da Pátria Portuguesa.

As grandes realizações materiais que se impõem acompanhando o arfar constante e nervoso de uma metrópole urbana para tornar menos duro o seu labor quotidiano — as avenidas que se rasgam, os viadutos que se lançam, os comboios que se perfuram mais e mais o subsolo, os edifícios

— uns menos belos do que outros — que se erguem, todavia, altaneiros; os parques que florescem; tudo isso merece, de quando em quando, o tom moral de uma sadia lufada de espiritualidade que nos reconforte e nos reanime nos domínios do pensamento, concedendo-nos a certeza de que, efectivamente, as forças do espírito não fenecem. Porque não, se não fazem despartir nas brumas da memória, recordações distantes e esfumadas pelo tempo, mas não extintas, nem mesmo apagadas na lembrança e no calor dos nossos corações? Este monumento, o seu significado e aquilo que nos recorda a meio século de distância, traz-nos efectivamente um facho de claridade espiritual a iluminar recordações de tempos vividos na euforia do amor da Pátria e a lembrar-nos que não morreu, entre os portugueses, o culto dos seus maiores.

Uma alegoria a todos os pioneiros do ar

Mais adiante:

«E, se assim é, por que não havemos então de ver, neste monumento aos dois percursores mundiais das façanhas do ar, o simbolismo de uma consagração a todos os pioneiros da Aviação Portuguesa? Porque não havemos de, olhando esta manifestação artística que nos fala da ansia fascinante que é o domínio dos espaços, recordar todos os

nossos cavaleiros do ar — que viveram ou morreram voando? Dos que já não pertencem ao número dos vivos, podem asinalar toda essa epopeia, por exemplo, a heróica indómita de um Oscar Monteiro Torres que tombou nos céus da Flândera a lutar pela perenidade do Ultramar Português; o sacrifício obscuro de um Azeredo de Vasconcelos; a valentia serena, reflectida de um Brito Pais; a ciência segura de um Jorge Castilho; a coragem e a gaillardia de um Plácido de Abreu... E, entre os poucos pioneiros, ainda vivos, escolha, moço dos e neles saudemos todos, prestando a nossa homenagem à mão firme e à resolução inabalável de um Sarmento de Betres e à audácia sorridente, e constante de um Carlos Bleck.

Lisboa cidade um tanto parcimoniosa em prestar tributos através do granito ou do bronze, poderá, ver de futuro, neste monumento aos dois pioneiros-aviadores que ensinaram ao Mundo a navegação aérea científica, uma alegoria a todos os nossos bravos cavaleiros do ar, como vé, aqui bem perto de nós, o Padrão dos Descobrimentos consagrando, sob a égide da figura do Infante, todos esses valores mareantes a quem a atracção das grandes estradas oceânicas e das terras desconhecidas levou à epopeia magnífica de Quinhentos.

Esse padrão, os Jerónimos, a Torre de Belém e este monumento ficam a demarcar sobre estes terrenos históricos,

onde outrora chegavam as águas do Tejo para afagar as areias do Restelo e ver partir nau e caravelas, os estílos sagrados da arrancada gloriosa de muitos portugueses de antanho — e também de portugueses dos nossos dias — que por seus feitos valerosos se foram da morte libertando.

Assim como Aljubarrota é campo santo de soldados, Belém é santuário sagrado de marinheiros!

A Raça ainda é a mesma

A terminar, Maurício de Oliveira afirmou:

«Senhor Presidente da República:

A inauguração deste monumento traz assim, de novo à lembrança de todos nós uma época inebriante da História Pátria, uma época que, vultosa alguns séculos, teve em Gago Coutinho e Sacadura Cabral dois continuadores de génio a garantir-nos que a Raça ainda é a mesma que era dantes — precisamente aquilo que os Soldados Desconhecidos também puderam dizer a D. João I quando as suas urtas sobrepostas pelos colares da Torre e Espada e cobertas com a bandeira da República — continuadora das glórias passadas — transpuseram, no silêncio das grandes consagrações, os umbrais rendilhados da Batalha.

Pois que se tragam até este santuário da Pátria que são os monumentos de Belém, as crianças das escolas que se lhes saiba explicar o que tudo isto significa e, quanto a este monumento — o mais recente — que perpetua aquilo que o almirante Sarmento Rodrigues classificou de «acontecimento nacional de ciência e de audácia a dominar quaisquer outros do nosso século», que se lembre, então, aos homens de amanhã que ele, consagrando mais uma façanha portuguesa a nível mundial, evoca um feito que foi, ainda obra de marinheiros!

E nós todos, que temos a suprema ventura de viver hoje meio século depois, neste momento aliciante, saudemos a circunstância do monumento dedicado a dois marinheiros ilustres, ser inaugurado por outro marinheiro ilustre que devotou toda a sua vida ao serviço da Pátria, e que é também — por uma feliz coincidência — o Presidente respeitado de todos os portugueses.»

O Chefe do Estado chamou, então, à tribuna Maurício de Oliveira, a quem felicitou pela sua alocução.

Pouco depois, o almirante Américo Thomaz retirou-se, após receber a continência das forças da guarda de honra.

Categoria de professor extraordinário do ensino secundário

Foi publicado ontem no «Diário do Governo» um decreto-lei que introduz algumas alterações ao regime de atribuição da categoria de professor extraordinário do ensino secundário, bem como no processo de colocação dos professores provisórios e eventuais.

Segundo preceitua o diploma agora publicado, a atribuição da categoria de professor extraordinário será requerida aos respectivos directores-gerais, através dos estabelecimentos de ensino, de 1 a 8 de Agosto de cada ano. Independientemente da data do despacho que atribua a categoria de professor extraordinário, serão processados os vencimentos em Agosto e Setembro aos professores que, em 31 de Julho de cada ano, o estabelecimento de ensino competente verifique reunirem as condições legais exigidas para essa atribuição.

NO BRASIL

INAUGURADA UMA LÁPIDE COMEMORATIVA DO FEITO DE COUTINHO E SACADURA

RIO DE JANEIRO, 17 — (ANI) — O Ministério da Marinha, associando-se às comemorações do cinquentário da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, inaugurou hoje uma lápide, no «Centro de Instrução Almirante Wandenkilk», na ilha das Enxadas.

Foram convidadas destacadas personalidades para a cerimónia, presidida pelo almirante Henning, comandante do Primeiro Distrito Naval.

O Ministério da Aeronáutica promove no dia 20 a inauguração de outra lápide comemorativa no aeroporto do Galeão.

Na cerimónia de hoje, fez uma palestra sobre o feito dos dois aviadores portugueses o almirante Júlio de Sá Bierbach.

Por outro lado, à chegada ao «Jumbos da TAP, na viagem comemorativa da travessia, esteve no aeroporto o brigadeiro Paulo Salema Garco

Póvoa de Varzim homenageou os dois aviadores

PÓVOA DE VARZIM, 17 — No Clube Naval Povoense, efectuou-se uma sessão de homenagem a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Na presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, o comandante Rebelo Gonçalves — um poveiro que foi testemunha da travessia, por fazer parte da tripulação de um dos barcos de apoio, o «Republica» — proferiu um discurso em que evocou o histórico feito dos dois aviadores.

No salão nobre do clube foi descerrada uma fotografia de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Ribeiro e outras autoridades, brasileiras e portuguesas, além de representantes das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras.

A noite, no Real Gabinete Português de Leitura, e promovida pela Federação das Associações Portuguesas, houve uma sessão solene comemorativa da viagem de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em que foi orador o dr. Caetano de Carvalho.

A conferência do dr. Caetano de Carvalho

Na sua conferência, que teve por tema os objectivos da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, o dr. Caetano de Carvalho afirmou a certa altura:

«Vivia-se ao tempo a época heróica dos aviões de tela e madeira, quase todos promotores, escordados por arames, e os seus raios de acção eram limitados, pois dependiam da autonomia em combustível. A própria velocidade — que raiava no máximo os 150 quilómetros — não permitia transpor grandes espaços.»

Mais adiante, o conferencista defendeu a tese de que, dos dois homens que levaram a cabo o empreendimento, fora sobretudo Sacadura Cabral quem sonhara a grande empresa e a fizera nascer.

«Ele tinha a convicção de que a raça portuguesa não perderá as suas grandes qualidades, que estas continuam latentes, apenas a esperar de quem fosse capaz de as arrancar da letargia e de as trazer para as grandes afirmações da vida.

«A desgraçada imagem de Portugal no estrangeiro, onde ia tantas vezes, amargurava-o profundamente.

«Por tudo isso, ele sonhou contribuir com alguma coisa que ajudasse a despertar e a unir os portugueses, que os

levasse a acreditar novamente em si próprios; e que, se possível, do mesmo passo, melhorasse a imagem que nos outros países havia da sua terra.»

E o dr. Caetano de Carvalho terminou deste modo a sua conferência:

«Hoje, saímos dum Portugal unido e seguro do seu destino e aqui estamos no Brasil, com as nossas duas Pátrias a construir, agora de facto, a mesma, a poderosa comunidade que ele sonhou e tão ardentemente serviu!

«É nosso dever curvar-nos hoje, todos, brasileiros e portugueses, comovidamente, perante a memória dos dois homens que, como Sacadura com tanta beleza afirmou no lacónico Relatório, «emeteram a vida em despesa» ao serviço de Portugal e também do Brasil!»

Assistiram à sessão, além das personalidades que de Lisboa se deslocaram no «Jumbos» ao Brasil, o embaixador dr. José Manuel Fragoso, o adido militar à Embaixada, coronel Borba da Silva, e outros elementos da representação diplomática portuguesa.

Programa

Do programa em honra dos convidados, que vieram no avião da TAP, constam: amanhã, domingo, passeio turístico à Petrópolis, oferecido pelo Touring Clube do Brasil; no dia 19, partida para Brasília, num avião da Força Aérea brasileira; na capital federal, os visitantes serão recebidos pelo brigadeiro José Maria Marques, comandante da Sexta Zona Aérea, e por outras autoridades; visita ao ministro da Aeronáutica, que receberá a caravana no salão nobre do Ministério; almoço no Iate Clube, oferecido pelo Gabinete do Ministro; à tarde, visita ao Congresso Nacional; ao fim da tarde, regresso ao Rio.